



Mídia Educação e Formação Cidadã: O Jornal Produzido por Crianças da Região Norte de Londrina (PR)¹

Beatriz Pozzobon Araujo²

Luzia Mitsue Yamashita Deliberador³

Universidade Estadual de Londrina, UEL, Londrina, PR

RESUMO

Este artigo é um estudo sobre mídia educação baseado nas oficinas ministradas durante o projeto “Meu Filho Repórter”, que culminou na publicação do jornal “Folha Criança”. O projeto foi realizado durante três meses de 2013, com 29 crianças de duas escolas municipais da Região Norte de Londrina (PR). O objetivo da pesquisa é verificar em que medida os participantes conseguem visualizar a realidade em que estão inseridos a fim de transformá-la em matérias jornalísticas, a partir da articulação da práxis da mídia educação com os pressupostos da comunicação comunitária. A metodologia científica empregada foi a pesquisa participante. Como resultado, verificou-se como as oficinas de mídia educação contribuíram para a formação de jovens mais criativos, críticos, participativos e comprometidos com a realidade em que se inserem.

PALAVRAS-CHAVE: mídia educação; oficinas; comunicação comunitária; pesquisa participante.

INTRODUÇÃO

As crianças estão, dia após dia, mais conectadas com as mídias e com as tecnologias. Em um contexto em que a infância atual é denominada “infância midiática”, já não há mais tempo para se discutir os benefícios e os malefícios desta realidade. A questão agora é preparar as crianças para lidar da melhor forma possível com os meios de comunicação e informação e utilizá-los de maneira crítica, de acordo com as necessidades delas. Neste sentido, a escola tem o importante papel de assegurar o direito de participação das crianças aos meios de comunicação, facilitar o acesso a esses e contribuir com a redução das desigualdades sociais, culturais e econômicas.

¹ Trabalho apresentado nas Comunicações Científicas da V Conferência Sul-Americana e X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã, abril de 2015.

² Especialista em Comunicação Popular e Comunitária pela UEL e graduada em Comunicação Social – habitação Jornalismo pela mesma instituição. Email: pozzobonbeatriz@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Ciência da Comunicação pela Universidade de São Paulo (ECA/USP). Docente do Curso de Especialização em Comunicação Popular e Comunitária da UEL e do Curso de Jornalismo da Faculdade Maringá. Membro do Núcleo de Estudos em Comunicação Comunitária e Local – Comuni/CNPQ. Email: adeli@sercomtel.com.br



Levar os meios de comunicação ao ambiente escolar implica uma interlocução entre os campos da Educação com a Comunicação, interlocução esta conhecida aqui como “Mídia Educação”. Isso porque a escola não deve ser uma instituição fechada a quatro paredes. Ela precisa estar atenta ao que acontece ao redor dela e ao contexto em que os educandos estão inseridos. Neste sentido, os meios de comunicação devem ser utilizados pela escola, em linhas gerais, para que os jovens conheçam a linguagem técnica das mídias; saibam avaliar os conteúdos midiáticos de forma crítica e estejam aptos a utilizar os meios de comunicação como canal de expressão própria e do grupo (RIVOLTELLA, 2010).

É dentro do contexto da mídia educação que se insere este artigo científico, que é fruto da minha monografia de pós graduação. Este trabalho analisa os resultados obtidos com o jornal “Folha Criança”, que foi produzido dentro do projeto “Meu Filho Repórter”, desenvolvido com 29 crianças, de 10 a 12 anos, da Escola Municipal Professor Moacyr Teixeira e Escola Municipal Professora Ruth Lemos, ambas localizadas na Região Norte de Londrina (PR). O projeto foi realizado nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2013, as segundas e quartas-feiras durante a tarde, na Vila Cultural Gibiteca Zona Norte, situada no conjunto Aquiles Stenghel. O objetivo é tornar as crianças mais participativas e comprometidas com a realidade em que estão inseridas por meio dos pressupostos da comunicação comunitária aliados ao jornalismo impresso, visto que os participantes produziram o próprio jornal, com base em um olhar mais crítico da realidade em que estão inseridos.

Cicilia Peruzzo (1998, p. 134) define comunicação comunitária como aquela que está voltada a instituições sem fins lucrativos e de movimentos sociais, multidirecionada, horizontalizada, emitida a partir dos anseios das classes subalternas. Comunicação comunitária como aquela que tem por finalidade mobilizar e organizar o povo em torno de seus interesses, mediante a persuasão, que desvenda a realidade, sustenta a existência de conflitos entre as classes sociais, inter-relaciona os fatos, para facilitar a compreensão do conjunto, politiza a comunidade e propicia o diálogo e a participação no que diz respeito às decisões.

A metodologia científica em que se baseia este trabalho é a pesquisa participante, que está relacionada à inserção do pesquisador no ambiente natural de ocorrência do fenômeno e sua interação com a situação investigada. Este tipo de pesquisa busca extrapolar os muros da universidade e ir de encontro ao cotidiano das classes populares, com objetivo de transformar o povo em sujeito político. A metodologia é aplicável em vários



campos do conhecimento, como na educação, na antropologia, na sociologia, no serviço social e na comunicação social (PERUZZO, 2011, p. 125). O presente artigo dialoga entre os campos da educação e comunicação comunitária.

Mídia educação e formação cidadã

A apropriação e consequências do uso contínuo das mídias pelas novas gerações tornam essencial a discussão do assunto no ambiente escolar, como já foi dito, especialmente porque a escola não pode ficar alheia às temáticas que a rodeiam e que interferem, direta e indiretamente, na formação dos estudantes. Esta necessidade levou a uma interlocução dos campos da Educação com a Comunicação, que aqui será chamada de “Educação para as Mídias” ou “Mídia “Educação”, termo que foi concebido originalmente em inglês, *Media Education*. Em linhas gerais, a mídia educação busca formar um usuário crítico, ativo e criativo de todas as tecnologias da informação e comunicação.

Para Gutierrez já não é possível pensar em uma escola desvinculada das mídias, fechada em quatro paredes. Segundo o autor, a decisão de incorporar os meios à escola define a sobrevivência da instituição escolar. “Na era da comunicação total nossos estudantes não poderão chegar a uma mínima culturalização sem a aquisição prévia de um conhecimento básico das linguagens dos meios de comunicação” (GUTIERREZ 1978, p. 24). Esta aquisição proporcionaria possibilidades para o homem atuar, modificar e transformar a própria realidade, além de ser crítico à mídia e não mais um consumidor passivo. A necessidade de implantação de uma educação para as mídias também é discutida por Cavalcanti (1999, p. 29), que caracteriza esta forma de educação como participativa, criativa, construtiva e sensibilizadora.

Segundo Fantin (2006, p. 31), a educação para as mídias é uma condição de educação para a cidadania. A mídia educação é, neste sentido, “um instrumento para a democratização de oportunidades educacionais e de acesso ao saber, o que contribui para a redução das desigualdades sociais”. Pode auxiliar também na valorização de novos pertencimentos através de participação, autonomia e senso crítico (MORCELLINI apud FANTIN, 2006, p. 88). Para Rivoltella (apud FANTIN, 2006, p. 39), educar para a cidadania significa favorecer a interação com o território, desenvolver identidades múltiplas e promover um sentimento de pertencimento aos contextos locais, nacionais e globais. De modo similar ao que se buscou nas oficinas do projeto “Meu Filho Repórter”, ainda segundo o autor, educar para cidadania objetiva favorecer a aquisição de conhecimento (conhecer o mundo e a



realidade em que se vive); a aquisição de competência social (ser cidadão, saber cooperar, realizar projetos em comum, buscar o bem coletivo, assumir responsabilidades e saber intervir em um debate público); e a aquisição de competência ética e relacional (saber ser solidário e estar aberto às diferenças) (RIVOLTELLA apud FANTIN, 2006, p. 39).

Buckingham (2007, p. 245) defende que as mídias podem efetivamente preparar as crianças para a cidadania adulta e até mesmo intervir nas decisões políticas que permeiam a sua infância, como as opções de lanche disponíveis na escola e a organização do parquinho. Durante o projeto “Meu Filho Repórter”, os participantes aprenderam que mesmo enquanto crianças podem fazer diferença no mundo, desde pequenas ações cidadãs como dar lugar aos idosos no ônibus ou ajudar a mãe nos afazeres de casa - temas que foram retratados por grupos de crianças nas oficinas de cidadania - até cobrar da escola a reforma do parque escolar, por exemplo.

Projeto “Meu Filho Repórter”

O projeto “Meu Filho Repórter” foi realizado nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2013. Durante o projeto, foram desenvolvidas 18 oficinas mídia educativas, com 29 crianças de 10 a 12 anos, que cursavam os 4º e 5º anos da Escola Municipal Professor Moacyr Teixeira e da Escola Municipal Professora Ruth Lemos, ambas localizadas na região Norte de Londrina (PR). Os encontros aconteceram as segundas e quartas-feiras em contraturno escolar, no período vespertino. As oficinas foram realizadas na Vila Cultural Gibiteca Zona Norte, no conjunto Aquiles Stenghel, que fica localizada próxima às escolas e é exemplo de ponto de cultura na periferia da cidade.

O projeto aliou as técnicas do jornalismo impresso com os pressupostos da comunicação comunitária. As técnicas de jornalismo foram utilizadas para que as crianças se tornassem aptas a elaborar um jornal com textos, fotos e histórias em quadrinhos produzidos por elas próprias. Já a comunicação comunitária foi a base das oficinas, porque estimula a participação, o comprometimento, a criticidade e visa a formação cidadã dos participantes. Porque mais do que produzir um jornal, as oficinas buscaram a construção de um veículo comunitário que conseguisse refletir as indagações das crianças a partir de olhares mais críticos à realidade em que se inserem. Ou seja, que os participantes conseguissem visualizar os problemas e valorizar ambientes e sujeitos com quem convivem.

Para que isso se tornasse possível, cinco temáticas foram trabalhadas a fim de promover um sentimento de pertença e o auxílio na formação de um indivíduo



participativo e comprometido com a sua realidade. As oficinas de mídia educação versaram sobre os seguintes temas: identidade; cidadania; relação com a comunidade; leitura crítica da mídia; e técnicas de jornalismo. Para cada um dos temas foi dedicado um número específico de encontros, segundo as necessidades de cada discussão. Esta divisão foi proposta pela professora Luzia Deliberador, orientadora da pesquisa, que aplicou o método em várias outras escolas e contextos.

As oficinas

A temática de identidade foi abordada nos primeiros encontros. Esta discussão tem por objetivo, segundo Deliberador, fazer com que os participantes se conheçam melhor, saibam das suas potencialidades, limitações, objetivos e reconheçam sua história e que também têm muito para contar. Pois, segundo Freire (apud DELIBERADOR, 2011, p. 07), o homem que reflete sobre si mesmo é um ser na busca constante de ser mais. Foram desenvolvidas as seguintes atividades: confecção de crachás; apresentação; discussão das “regras” de convivência, propostas pelos participantes; história dos pais e avós, por meio de fotos; e desenho das mãos, com os pontos positivos e negativos que cada criança enxergou em si própria.

De acordo com Deliberador (2011, p. 7), a finalidade das oficinas de cidadania é mostrar aos participantes que todos nós temos direitos e deveres e que eles, mesmo enquanto crianças, podem fazer a diferença na luta por um mundo mais justo. Durante os encontros, as crianças foram questionadas sobre o que é cidadania e o que podem fazer para contribuir ainda mais com a comunidade em que se inserem. Para ampliar as reflexões, foram apresentados vídeos sobre o tema e trechos do filme “Escritores da Liberdade”. Posteriormente, os participantes produziram desenhos e representaram cenas de teatro com exemplos de ações cidadãs.

A discussão sobre a relação das crianças com a comunidade é importante, segundo Deliberador, para levá-las à reflexão sobre a realidade em que se inserem, despertando o sentimento de pertença, porque passam a conhecer e valorizar o lugar onde vivem. Para aproximar os participantes da comunidade, foram convidadas três personalidades do bairro que, de alguma forma, desenvolvem projetos e ações em prol do bem comum. As crianças participaram bastante do bate papo, apontando situações vivenciadas no bairro e, dessa forma, começaram a surgir algumas pautas para o jornal.



Ao fim da conversa, foi passada uma tarefa aos alunos. Eles deveriam, em duplas ou trios, tirar fotos do lugar que mais gostam e do lugar que menos gostam no bairro. O objetivo desta atividade foi fazer com que as crianças entrem em contato com o local onde moram e saibam identificar pontos positivos e negativos. Foi importante também para desenvolver o sentimento de pertença, enaltecer a região onde vivem, valorizar o bairro e procurar soluções para os problemas. Das fotos também nasceram muitas ideias para o jornal.

Na oficina de leitura crítica da mídia os participantes assistiram um episódio do programa de televisão favorito deles, escolhido por votação no encontro anterior. A primeira turma optou pelo seriado norte-americano *Icarly*, transmitido no *Nickelodeon*; e a segunda preferiu a novela mexicana *Rebelde*, que estava sendo reprisada pelo SBT. Também foram passados alguns trechos do documentário “Criança, a alma do negócio”, que revela o impacto da publicidade infantil no desenvolvimento e vida das crianças. O objetivo desta atividade foi desenvolver o senso crítico perante os meios de comunicação e mostrar como a mídia influencia a opinião dos indivíduos.

Ao todo foram realizadas 11 oficinas de técnicas de jornalismo, incluindo visita à redação e ao parque gráfico da Folha de Londrina, jornal diário do município. A finalidade desta temática foi propiciar aos alunos conhecimentos do veículo impresso para elaboração do jornal. As crianças aprenderam, dessa forma, a formação de um jornal, identidade visual, fotografia, histórias em quadrinhos, elementos da notícia, notícia, *lead*, pirâmide invertida, fonte, entre outros elementos do jornalismo. E realizaram, como produção prática, entrevista ao amigo, discussão e escrita de *leads*, produção, correção e revisão de textos, fotos e histórias em quadrinhos.

O jornal “Folha Criança”

O jornal “Folha Criança – Informativo dos Pequenos Jornalistas da Região Norte de Londrina” é o resultado do projeto “Meu Filho Repórter”, que contou com 18 oficinas nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2013. 12 crianças do 4º ano da Escola Municipal Professor Moacyr Teixeira e 17 do 4º e 5º anos da Escola Municipal Professora Ruth Lemos participaram do projeto do início ao fim, com grandes exemplos de responsabilidade, compromisso e dedicação. O jornal foi impresso em formato tabloide, em oito páginas coloridas, que englobam textos jornalísticos, fotos, desenhos, histórias em quadrinhos e artigos de opinião produzidos pelas crianças participantes. O jornal foi impresso



na gráfica da Folha de Londrina, graças ao apoio financeiro concedido pela Vila Cultural Gibiteca Zona Norte, em parceria com a Prefeitura Municipal.

As pautas para o jornal começaram a surgir a partir das fotos trazidas pelos alunos após a oficina de relação com a comunidade. As fotos foram tiradas pelos participantes fora do horário das oficinas, de forma livre e sem orientação prévia sobre o que deveria ser fotografado. Eles tiraram fotos da Vila Cultural, de lixo na rua e em terrenos abandonados, das escolas e da rua onde moram. Dessa forma, notou-se que os participantes agiram de forma crítica, mais comprometida e entendendo o que é bom no bairro e o que precisa ser modificado. Em conversas com os grupos, foi verificado os assuntos que os participantes gostariam de escrever no jornal, a partir das fotos, o que correspondeu à maioria dos textos e/ou desenhos publicados. Um número pequeno de crianças não participou da atividade ou não a desempenhou da forma esperada. Estes participantes desenvolveram os textos a partir de conversas informais comigo, nas quais foi possível identificar suas preferências e o que gostariam de retratar no jornal.

Com as pautas definidas e as oficinas de técnicas de jornalismo ministradas, as crianças estavam prontas para produzir os materiais para o “Folha Criança”. De acordo com o que foi recebido, o jornal ficou dividido em seis eixos (Escolas, Bairros, Cultura, Comunidade, Opinião e Histórias em Quadrinhos), como será explicado a seguir.

Três grupos retrataram as suas escolas no “Folha Criança”, por meio dos textos “Parquinho de escola precisa de consertos”; “Escola Ruth Lemos enfrenta problemas”; e “Insegurança é grande na Escola Ruth Lemos”, que abordam situações enfrentadas pelos alunos que os incomodam e que precisam de mudanças. Dessa forma, nota-se que as crianças souberam identificar demandas das escolas que estudam, a partir de uma visão mais crítica e mais comprometida. Nas conversas com os grupos, ficou perceptível que estas situações não os agradavam e que eles gostariam de conversar com as diretoras e professoras para entender os motivos e buscar soluções.

Outros três grupos de crianças entregaram textos que discutiam a realidade dos bairros em que moram. Em “Os dois lados do Vista Bela”; “Para combater a dengue, é importante que todos façam sua parte”; e “Terreno vira depósito de lixo” as demandas dos bairros vêm à cena. Os participantes conseguiram identificar os problemas que convivem todos os dias, se mostraram críticos a sua realidade e reportaram demandas próprias.

A cultura e as demonstrações artísticas dos moradores da região Norte também foram retratadas no jornal. Aqui, o objetivo é enaltecer o local em que vivem,



valorizar a região e reconhecer o que de bom ela proporciona. Nos textos “Rap expressa realidade da periferia” e “Crianças de escolas municipais participam de canto coral”, os participantes retrataram a cultura dentro de um universo muito próximo ao que estão inseridos. Dessa forma, reconhecem como arte o que vivenciam no dia-a-dia. E, na foto legenda “Grafite”, uma manifestação artística na Vila Cultural é observada por uma participante do projeto.

Quatro grupos colocaram em foco a própria comunidade, o que ela produz e como os moradores estão atuando a seu favor. Em “Como manter uma associação de moradores” e “Dona Iracema ensina fazer artesanato” duas personalidades do bairro são os destaques das matérias devido ao trabalho que realizam em favor do bem comum. Já em “Vila Cultural é importante para o bairro” o espaço é descrito como essencial para a formação de cidadãos; e em “Pequenos repórteres visitam a Folha de Londrina” as próprias crianças, principais elementos do projeto e frutos da comunidade, são os personagens da visita a um jornal diário da cidade.

Além de notícias, os jornais são constituídos por artigos de opinião e editoriais, que elaboram reflexões sobre determinado fato ou assunto. No “Folha Criança”, três assuntos foram debatidos em forma de artigos de opinião, são eles: “A importância das comunidades em nossas vidas”; “Sobre o bullying”; e “Quando as crianças brincavam”. Os textos abordam temáticas vivenciadas no dia-a-dia dos participantes e foram desenvolvidos a partir de uma visão mais crítica sobre os assuntos.

Os participantes do projeto se mostraram admiradores de histórias em quadrinhos. Muitos deles, um pouco antes e um pouco depois das oficinas, gostavam de escolher gibis da biblioteca comunitária da Vila Cultural e aproveitar o tempo para a leitura. Além disso, quando o jornal foi lhes apresentando, a página que mais os chamou a atenção foi a que continha histórias em quadrinhos. A partir deste interesse, propus a eles que produzissem a própria história com base nos temas que discutimos nas oficinas. Em “Três formas de mudar o mundo”; “Limpendo a comunidade”; e “Projeto Jornal” três diferentes temáticas são abordadas. Independente do tema, conceitos como “cidadania” e “relação com a comunidade” podem ser identificados.

Avaliações

Após a impressão e distribuição do jornal “Folha Criança”, os agentes envolvidos direta e indiretamente no processo foram ouvidos para que avaliassem a



publicação. A opinião dos sujeitos é essencial para reflexão do processo desenvolvido e como ponto de partida para uma autoavaliação. Além disso, é essencial que os indivíduos envolvidos em pesquisas científicas tenham oportunidade e espaço para opinar sobre aquilo que também fizeram parte. As avaliações são ainda um meio dos leitores do trabalho terem acesso a informações ditas por outras pessoas, que não a pesquisadora. Sendo assim, foram reportadas aqui as entrevistas realizadas com as professoras, as crianças e os pais, que avaliaram o resultado do jornal “Folha Criança” e o desenvolvimento do projeto “Meu Filho Repórter”.

As professoras, Maria Aparecida Maricato, diretora da Escola Municipal Professor Moacyr Teixeira; Ivanete Teixeira, diretora da Escola Municipal Professora Ruth Lemos; e Elena Andrei, professora doutora e coordenadora da Vila Cultural Gibiteca Zona Norte, foram ouvidas após a conclusão do jornal para que pudessem emitir suas opiniões. As três educadoras se disseram satisfeitas com os resultados, tanto pelo jornal em si, como pelo envolvimento das crianças. Elas ressaltaram o auxílio na aprendizagem e a visão mais crítica aos assuntos relacionados aos bairros e às escolas.

Dos 29 participantes do projeto “Meu Filho Repórter”, 24 entregaram o texto com a avaliação sobre as oficinas, um número bastante expressivo. A avaliação foi realizada de maneira livre e sem interferência da pesquisadora. Algumas perguntas foram apontadas apenas como ponto de partida àqueles que estavam com dúvidas sobre o que escrever, não sendo obrigatória a resposta das mesmas. De modo geral, as crianças gostaram de participar do projeto, compreenderam a importância das discussões, destacaram a visita à Folha de Londrina e contaram como foi a experiência como repórter. Além disso, vários participantes disseram que eram acostumados a passar a tarde inteira assistindo televisão e/ou utilizando o computador; e com o projeto eles passaram a aproveitar melhor o tempo, ao aprender coisas novas e estar em contato com os amigos. Outras crianças disseram que conseguiram vencer a timidez na entrevista e outras ainda falaram sobre o incentivo à leitura e o gosto por escrever.

No dia da distribuição do jornal “Folha Criança” para as crianças e para a comunidade, cinco pais e/ou responsáveis foram entrevistados com objetivo de identificar a opinião deles a respeito do resultado do jornal, o aproveitamento das oficinas e quais as mudanças eles poderiam verificar no comportamento das crianças. Os pais e/ou responsáveis, sem exceções, se mostraram muito contentes com o projeto. Eles disseram que os encontros contribuíram para a utilização do tempo de forma produtiva e possibilitaram contatos com



outras crianças. Um ponto interessante apontado foi o compromisso dos próprios participantes, que cobravam os pais para que não se esquecessem das oficinas porque não queriam faltar. Os entrevistados disseram que os filhos se mostraram muito motivados e que comentavam as oficinas em casa. Eles perceberam que as crianças demonstraram maior interesse pela leitura, um olhar diferenciado sobre as situações do dia-a-dia e se mostraram mais interessadas em participar de outras atividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornal Folha Criança foi produzido por 48 mãos comprometidas, dedicadas e responsáveis. O que pode ser comprovado pela lista de presença, que releva que cinco participantes não faltaram em nenhum dos 18 encontros realizados; seis não compareceram em apenas uma das oficinas; e cinco faltaram duas vezes. Apenas três, das 29 crianças, não estiverem presentes em mais de um terço das oficinas. E, mais do que isso, elas se mostraram entusiasmadas com as oficinas, se sentiam orgulhosas por estarem “aprendendo a ser jornalistas” e sempre se viram como capazes de produzir um jornal feito por elas próprias.

O Folha Criança é um jornal comunitário porque foi feito pela própria comunidade e porque aborda a região em que ele está inserido, a partir dos problemas e características que a definem. Os participantes tornaram-se, assim, protagonistas da comunicação, ao escreverem, fotografarem e desenharem sobre o seu bairro, escolas, problemas enfrentados e suas preferências culturais; e, principalmente, a partir do levantamento de pautas realizado por eles próprios.

Ao analisar o conteúdo publicado no jornal, nota-se que os textos abordam temáticas vivenciadas no dia-a-dia das crianças e foram desenvolvidos a partir de uma visão mais crítica sobre diversos assuntos, como é o caso do parque infantil da Escola Moacyr Teixeira que está sem uso devido à falta de manutenção. Os participantes identificaram a demanda e foram atrás das fontes para buscar a resolução do problema. A cultura e as demonstrações artísticas dos moradores do entorno também foram retratadas no jornal. As crianças visualizaram a cultura dentro de um universo muito próximo ao que estão inseridas, conseguiram enaltecer o local em que vivem, valorizar a região e reconhecer o que de bom ela proporciona. Um dos participantes escreveu sobre o próprio pai, que é cantor de rap, uma manifestação artística e cultural. Além da discussão sobre o estilo musical em si, o ponto que deve ser ressaltado é que a criança reconheceu no pai uma fonte para o texto. Escrever sobre o



pai mostrou à criança que todos temos histórias e que elas são igualmente importantes e devem ser valorizadas.

O fato é que as 29 crianças participantes do projeto “Meu Filho Repórter” foram capazes de produzir um jornal a partir de um olhar mais crítico e comprometido com a realidade em que estão inseridas. O que só se tornou possível com a efetivação dos 18 encontros que uniram a práxis da mídia educação, aos pressupostos da comunicação comunitária e às técnicas do jornalismo impresso. As crianças participaram das oficinas, principalmente, porque viram ali um espaço produtivo para utilizar melhor seu tempo e não desperdiçá-lo em jogos de computador e assistindo televisão.

O projeto demonstrou que práticas mídia educativas são importantes na formação de sujeitos criativos, críticos e comprometidos com a realidade em que estão inseridos. Neste sentido duas inferências que devem ser feitas, segundo Buckingham (2007), é que “talvez as crianças não sejam capazes de agir de forma diferente simplesmente por falta de oportunidades”. E mais. “As crianças só se tornarão competentes se forem tratadas como sendo competentes.”

A experiência evidencia que projetos desta natureza podem ser aplicados em outros contextos de modo a contribuir com a formação integral dos indivíduos envolvidos. É o que já acontece no Canadá, na Inglaterra, Austrália e África do Sul, que são considerados países líderes no mapa da educação para as mídias, segundo Fantin (2006). As práticas de mídia educação nas escolas também já são rotineiras na Espanha, Itália, França, Estados Unidos, Japão, países nórdicos, entre outros. As avaliações de pais, professores e crianças participantes do projeto “Meu Filho Repórter” comprovam o resultado positivo das oficinas. No entanto, a articulação entre educação e comunicação, proposta pelo projeto, ainda não é realidade no Brasil, na grande maioria das escolas.

A diretora Maria Aparecida Maricato, da Escola Municipal Professor Moacyr Teixeira, por exemplo, alegou que as escolas possuem “um projeto político pedagógico estruturado, com todos os conteúdos que precisam seguir durante o ano e, por isso, não há tempo para outras demandas”. Além disso, a formação dos licenciados, no Brasil, não contempla em seus currículos disciplinas de leitura crítica da mídia e/ou uso da mídia na educação. Dessa forma, torna-se inacessível aos professores a utilização destes conteúdos em sala de aula.

Infelizmente, ainda há muito que caminhar para que se alcance o que já é desenvolvido em outros países. Ou seja, para que a disciplina de mídia educação esteja



presente nos currículos das licenciaturas nas universidades, com objetivo de formar professores capacitados a levar a mídia para as escolas. E que as escolas também tenham autonomia para trabalhar questões locais, de forma a estar mais sintonizada com a realidade dos educandos, e não apenas dar conta de um currículo verticalmente imposto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREI, Elena Maria. **Entrevista para Monografia**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <elenamariandrei@gmail.com> em 13 ago. 2014.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

CAVALCANTI, Joana. **O jornal como proposta pedagógica**. São Paulo: Paulus, 1999.

DELIBERADOR, L.M.Y. **Importância de oficinas na prática de mídia educação na perspectiva da comunicação comunitária**. In: Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Recife, 2011.

FANTIN, Monica. Mídia-educação e a formação do educador. In: _____. **Mídia-Educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006. p. 25-88.

GUTIERREZ, Francisco. **Linguagem total: uma pedagogia dos meios de comunicação**. São Paulo: Summus, 1978.

MARICATO, Maria Aparecida. **Maria Aparecida Maricato** [12 ago. 2014]. Entrevistadora: Beatriz Pozzobon Araujo. Londrina, 2014. Gravação em áudio por gravador digital.

PERUZZO, Círcia M.K. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2011. p. 125-145.

_____. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 1998.

RIVOLTELLA, Píer Cesare. Jovens estão perdendo a capacidade de refletir. Londrina, **Folha de Londrina**, 11/novembro de 2010, p. 3.

TEIXEIRA, Ivanete. **Ivanete Teixeira** [12 ago. 2014]. Entrevistadora: Beatriz Pozzobon Araujo. Londrina, 2014. Gravação em áudio por gravador digital.